

# A família e a Escola

## Sistemas que trabalham com a aprendizagem

Por Elizabeth Polity

Tão importante quanto ter um modelo é perceber que ele não passa de uma metáfora. Assim, quando pensamos em Família como Sistema ou Escola como Sistema, isto é apenas um recurso que nos ajuda a entender o funcionamento de um grupo.

Segundo Sluzki, modelo é um instrumento que auxilia a simplificação e a ordenação de uma realidade complexa, possibilitando definições operacionais, lógicas e pragmáticas.

É com esse caráter que utilizo o modelo sistêmico, aplicado às relações familiares e às relações que se processam em um ambiente escolar, sem esquecer que se trata de uma maneira de pensar, de um ponto de vista.

Esse modelo propõe que todas as redes sociais envolvidas numa situação (neste caso família, escola, terapeutas) são co-responsáveis tanto pelos recursos a serem utilizados, quanto pelos impasses que surgem ao longo do caminho. Trata-se de construir junto a uma experiência compartilhada, através da busca de alternativas de intervenção para essa realidade e da construção de narrativas, entendidas como *construções complexas que se estruturam ao redor de tramas temáticas, estando sempre abertas a uma reconstrução transformadora.*

Quando pensamos em uma família ou em uma escola como um sistema, não podemos deixar de considerar que ambos são sistemas de vínculos afetivos (Montoro, 1998), pois, nossos processos de humanização, dão-se através das relações emocionais desenvolvidas entre os membros da família e/ou da escola, e vão oferecer um contexto, para que as diferentes fases de aprendizagem ocorram satisfatoriamente.

*"Pensando nas relações do grupo familiar, segundo a teoria dos sistemas, podemos dizer que neste, o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar pode então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros."*

Se por um lado, em famílias com um maior

grau de escolaridade, desde cedo espera-se que a criança seja bem sucedida, e por vezes siga a carreira de um dos pais, por outro, em famílias com baixo grau de escolaridade é muitas vezes a escola, que espera que a criança não seja bem sucedida. Estas expectativas construídas sobre pré-conceitos costumam gerar um quadro paralisador que afeta o desempenho escolar do sujeito.

No trabalho com as famílias, podemos buscar algumas questões, como:

- O que a família aprende?
- Como ela se relaciona com o saber?
- Como a família lida com as dificuldades que surgem no aprender?
- Por que aprender / não aprender é significativo para este grupo, em particular?

Muitas vezes, o sujeito é levado a cumprir mandatos, tarefas, e responder a lealdades impostas pelo meio familiar. Pode tentar rebelar-se, mas sempre terá como referencial o modelo da família de origem (ou o que ele aprendeu lá). Comparações e identificações também fazem parte do processo de aprendizagem. Frequentemente percebemos que é preciso corresponder a padrões impostos, onde as limitações, dificuldades ou mesmo preferências individuais, muito pouco ou quase nada, são levadas em conta na hora das cobranças familiares.

Quando se atende uma família é necessário considerar alguns aspectos importantes: funcionamento e estrutura familiar, possibilidade de diferenciação e formação de identidade, adaptação ao ciclo vital, lealdades, alianças e coalizões, padrões de repetição, modalidade de aprendizagem, manejo dos segredos e mitos familiares.

Esses componentes dão sustentação para a construção das narrativas familiares, uma vez que fazem parte da trama que define cada grupo familiar, dentro de suas particularidades.

Ao construir junto com a família sua história em relação à aprendizagem, podemos permitir que cada membro *re-conte* sua história, descrevendo os fatos à sua maneira, e sobretudo a significação destes para a vida do sujeito. Isto permite que haja possibilidade de mudanças e flexibilizações, pois segundo Minuchin, *"as estruturas familiares são conservadoras, mas*

*modificáveis. O objetivo do trabalho com a família é aumentar a flexibilidade dessas estruturas e ajudá-la a reajustar-se às novas circunstâncias."*

Com relação à Escola e à educação, observamos que novos paradigmas surgiram, possibilitando que se veja a educação, hoje, como um processo global, mais preocupado em como o aluno aprende, do que com o que ele aprende.

Na concepção antiga, considerava-se o aluno como um ser receptivo das informações que recebia do mundo exterior, e o enfoque consistia em uma metodologia indutiva. Dentro do paradigma do Construtivismo/Construcionismo Social, que aqui adoto como referencial teórico, admite-se a existência de um contexto criado pelo e no encontro das relações, evidenciando, portanto, um caráter interacionista da aprendizagem.

Esta nova postura educacional redimensiona o fazer do psicopedagogo e o coloca como "co-construtor" das histórias em que participa. Portanto, seus pressupostos teóricos comportam tanto a sua subjetividade, quanto a do professor e de seu aluno. Comportam a dinâmica intrapsíquica de cada um, presente no processo de aprender/ensinar, que se manifesta por meio de seus comportamentos, posturas e linguagem, bem como a dinâmica interrelacional, que ocorre entre os envolvidos, para que o conhecimento possa ser construído. É sob a égide deste paradigma que vamos aqui falar de aprendizagem.

Considera-se hoje que o processo de ensino-aprendizagem ocorre em estruturas conjuntas, que envolvem aluno e professor, num movimento em que as reflexões pessoais e interpessoais são primordiais. Isto porque, o sujeito, para aprender, precisa estar em interação com o outro, construindo seu conhecimento a partir de um conhecimento anterior, compartilhado com o outro. Deste modo, o sujeito não realiza uma auto-aprendizagem; existe um caráter pluralístico que originariamente é relacional.

Penso que nesse processo existe uma complexidade muito grande, pois nele a comunicação toma forma dinâmica e dialética,

### Nesta Edição:

#### ► Princípios e Valores

Por Rosely Sayão ..... (Pág. 03)

#### ► O Amor não é uma Pedagogia

Por Nicolas Truong ..... (Pág. 05)

envolvendo a possibilidade de uma predominância na articulação das interações, que irão sustentar as transformações das ações no nível intrapsicológico, com a finalidade de internalização.

Nesse novo paradigma educacional fica enfatizado um movimento integrador entre o domínio das disciplinas, da dimensão relacional e da dimensão individual, tendo como meta aprender a aprender, remetendo-nos à integração entre objetividade e subjetividade no processo de ensino-aprendizagem. Evidencia-se aí uma dimensão complexa desse processo, uma vez que são inúmeras as variáveis implicadas. Considero que o processo de ensinar (que objetiva a aprendizagem) é sustentado por, pelo menos, cinco eixos distintos: o cognitivo, o afetivo, o relacional, o técnico e o político, que são indissociáveis e sobrepostos, fazendo com que esta ação humana tenha de articular diferentes fatores. Alguns são propiciados pelo organismo, outros pelo desejo, que se mostra como propulsor do ensinar/aprender, ou ainda, pelas estruturas cognitivas, que representam a base da inteligência e da dinâmica do comportamento, e que podem ser vistas como respostas do sujeito à realidade que o cerca. Já outros são apropriados pelas condições da realidade, incluindo-se aí as relações.

Ainda dentro de um cenário educacional, caberia ressaltar que a aprendizagem pode se dar por, pelo menos, dois níveis: um mais pessoal, envolvendo o conhecimento sobre si mesmo, sobre seus sentimentos e emoções,

sobre as pessoas e sobre as relações, tendo uma estreita ligação com as experiências vividas. Em outro nível, teríamos um conhecimento chamado de objetivo ou o que isto possa significar, pois ao trabalharmos com um referencial *construtivista / construcionista*, questionamos a noção de *conhecimento objetivo*, mas podemos fazer recortes que nos facilitem a compreensão de uma *realidade objetivável* – referente ao mundo material, dos espaços, da chamada *realidade compartilhada* – emprestando as palavras de Bateson, quando este diz que a realidade observada leva sempre a marca do observador.

De acordo com este novo paradigma educacional, os temas (antes chamados de disciplinas) são galerias pelas quais os conhecimentos progredem ao encontro uns dos outros.

Em consonância com uma proposta inovadora no âmbito da aprendizagem, vamos encontrar os quatro pilares da educação propostos pela UNESCO: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Estes conceitos partem do reconhecimento da necessidade de informar, formar e orientar a escola e os professores a compreender e atuar em realidades agregando novos valores ao estágio atual, no qual a prática e o debate sobre a renovação pedagógica se limitam à indicação do saber aprender e do saber fazer, como paradigmas máximos. O aprender a conviver e o aprender a ser ampliam a intervenção pedagógica e as possibilidades de inserção profissional e social dos cidadãos. A

adição destas novas funções da aprendizagem (aprender a conviver e aprender a ser) alarga as possibilidades de intervenção do indivíduo e da coletividade, para que sejam geradas formas de colaboração e de cooperação de trabalho que garantam e ampliem a qualidade de vida, tanto pessoal, quanto profissional. São indicadores que estão em perfeita harmonia com a visão sistêmica, por proporem um olhar ampliador para o processo da aprendizagem.

Segundo a UNESCO, neste novo paradigma de ensino, é preciso:

- Reconhecer que não se sabe;
- Trabalhar a partir das questões dos alunos;
- Garantir o acesso do aluno à informação;
- Saber que só se ensina aprendendo;
- Ensinar que há diferentes formas e caminhos para resolver o mesmo problema;
- Auxiliar a desenvolver a capacidade crítica;
- Estimular a curiosidade e direcionar para a busca do conhecimento;
- Valorizar idéias e capacidade de criação;
- Respeitar e dar espaço para as diferenças.

Como bem se observa, é preciso que as instituições escolares desenvolvam um novo olhar, para que a proposta que pretende entender a aprendizagem dentro de marcos *sistêmicos construtivistas construcionistas sociais* se viabilize.

Elizabeth Polity é Psicopedagoga, Terapeuta Familiar, Mestre em Educação, Doutora em Psicologia, Diretora do Colégio Winnicott, Diretora da APTF.

## PROGRAME-SE!

O CEOAFE-SP (Centro de Estudos para Orientação e Aconselhamento Família/Escola) e o GESPpMA-AL (Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Maceió) oferecem o curso:



Dias:

03 e 04 de outubro de 2008  
21 e 22 de novembro de 2008

LOCAL:

Auditório do Colégio Santa Amélia  
(Alameda S. Benedito, 608 Farol - mesma rua da Importadora Veículos)

DESTINADO A:

Pedagogos, Psicólogos, Psicopedagogos, Fonoaudiólogos, Terapeutas Ocupacionais e demais profissionais com formação universitária que atuem na área familiar, buscando sua compreensão psicodinâmica e possibilidades técnicas de intervenção.

ORGANIZAÇÃO:

Elaine Calheiros Cansancão e Salvione Klívia M. Tenório

INVESTIMENTO:

Estudantes: R\$ 150,00 | Profissionais: R\$ 200,00

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

(82) 3338.1404 (Colégio Sta. Amélia)  
(82) 3223.4258 (Sandra)

### Contribuições do Pensamento Sistêmico

Com • **Elizabeth Polity** - SP (Doutora em Psicologia, Psicopedagoga e Terapeuta Familiar),

• **Andréia Balestrera** - SP (Psicóloga e Terapeuta Familiar),

e • **Maria Genoveva Armelin** - SP (Terapeuta Familiar, especialista em prevenção e tratamento da dependência química).

REALIZAÇÃO:



VAGAS LIMITADAS

PATROCÍNIO:



www.gesppma.com.br

# Princípios e valores

Rosely Sayão

Uma mãe quer saber se deve ou não permitir que sua filha, de nove anos, viaje com a família de uma colega num fim de semana. Ela diz que a garota nunca fez isso antes e que ela considera precoce esse passeio mais longo sem a família, mas que está em dúvida porque muitas crianças da mesma idade já fazem isso. Outra leitora indaga a melhor idade para colocar o filho, de cinco anos, em aulas de outro idioma e conta que ela mesma, fluente em inglês, começou a estudar depois dos 12 anos, mas que agora percebe que a criança já começa bem mais cedo.

Um pai diz que o filho de 15 anos leva a namorada para dormir em casa e que ele fica constrangido com a situação, mas acredita que, se impedir, vai se afastar do filho. Finalmente, um outro leitor afirma que quer ensinar valores aos filhos, mas, ao mesmo tempo, considerando o clima competitivo de nosso tempo, quer saber como ensinar que há momentos em que é preciso abrir mão desses valores para não ser ingênuo.

O mundo contemporâneo tornou a educação uma tarefa muito mais complexa. Até o final da década de 50, a maioria não enfrentava questões como as citadas e tampouco tinha de tomar diariamente decisões sobre o tipo de educação a praticar

com os filhos. A educação era uma só, os rumos faziam parte de um grande consenso social e assim caminhavam os pais, sem grandes conflitos. Vale dizer que pais e filhos sofriam muito mais, já que eram tão diferentes e tinham de se ajustar a um rumo comum.

Hoje, os pais ganharam a liberdade da escolha sobre como educar seus filhos e, por outro lado, assumiram também uma responsabilidade muito maior por eles. Afinal, cada escolha feita produz efeitos significativos na vida dos filhos, já que estes estão em formação.

Vale refletir a respeito das dúvidas dos pais. À primeira vista, todas parecem questões práticas sobre como agir. Mas cada uma delas guarda em si conteúdos bem mais amplos, que tratam de moral, ética, conceito de infância, limites entre privacidade e convívio social e relação entre pais e filhos.

E talvez esse seja o nó da questão da educação contemporânea que os pais podem desatar ou, ao menos, afrouxar: ao educar os filhos, precisam ter clareza de alguns princípios dos quais não abrem mão e, a partir desse norte, tomar as decisões sem se importar tanto com as decisões dos outros pais. Afinal, já que temos a oportunidade hoje de ter a riqueza da diversidade em educação,

há que se aprender a conviver com ela, não?

Pensando assim, a mãe cuja filha pede para viajar sem a família precisa é pensar no conceito de infância que quer garantir para a filha, tanto quanto a mãe que se preocupa com o ensino de línguas; o pai que se sente constrangido com a intimidade do filho em casa precisa considerar como colaborar para fazer a passagem do filho para a maturidade e, finalmente, o que se preocupa com os valores precisa refletir se quer dar uma educação moral de ocasião ao filho ou se quer mesmo é ensinar que os valores fazem parte de um ideal de vida e que, portanto, exigem fidelidade.

"O que quero ensinar aos meus filhos, priorizar na educação deles?" Essa é a questão que os pais devem se fazer quando enfrentam situações que demandam decisões. Afinal: de festas, namoros, aprendizados diversos etc. eles terão muitas chances para desfrutar, mas da educação familiar, só enquanto estiverem sob a tutela dos pais. E esse tempo é curto, acreditem.

Fonte: *Folha de São Paulo*, 27/03/08  
*Caderno Equilíbrio*.

Rosely Sayão é Psicóloga, consultora educacional, escreve atualmente para o *Caderno Equilíbrio*, da *Folha de S. Paulo*.

## sugestões de filmes

- **Valente Valentim** (86 min.). Buenos Aires, 2002. Direção: Alejandro Agresti. (Menino de 9 anos que vive com a sua avó. Sua mãe desapareceu quando tinha 3 anos e o pai é um homem distante, incapaz de assumir responsabilidades. Valentim é solitário, em busca constante por amor e afeto.)
- **A Criança** (95 min.) França, 2005. Direção: Jean-Pierre Dardenne e Luc Dardenne. (Filhos vistos como propriedade dos pais e objetos de consumo é um tema que incomoda, por isso merece um filme que incomoda também: *A criança* explora muito bem isso e vale a pena ser visto pelos adultos.)
- **Palavras de Amor** (104 min.) EUA, 2005. Direção: Scott McGehee e David Siegel. (Eliza é uma jovem que tem grande facilidade em soletrar. Filha caçula de Saul e Miriam, no momento se prepara para participar do campeonato nacional de soletrar, em Washington. Entretanto, à medida que ela melhora a capacidade de soletrar, a comunicação entre a família piora, cabendo a ela reunir os fragmentos de sua família.)
- **Escola da vida** (90 min). Canadá/EUA, 2005. Direção: William Dear. (Um novo professor é amado por todos, exceto por um colega que tenta conquistar o prêmio de melhor professor do ano, como seu pai havia conquistado 43 vezes seguidas. Um segredo sobre o novo professor mudará tudo e ensinará uma lição a todos.)

## Sites Interessantes...

- Com o tema "**Família e Escola**", indicamos os seguintes sites:
- [www.abratef.org.br](http://www.abratef.org.br) (Associação Brasileira de Terapia Familiar)
  - [www.abpp.com.br](http://www.abpp.com.br) (Associação Brasileira de Psicopedagogia)
  - [www.aptf.org.br](http://www.aptf.org.br) (Associação Paulista de Terapia Familiar)
  - [www.winnicott.com.br](http://www.winnicott.com.br) (Colégio Winnicott)
  - [www.nucleopesquisas.com.br](http://www.nucleopesquisas.com.br) (Núcleo Pesquisas - Dr. Moisés Groisman)
  - [www.psicopedagogia.com.br](http://www.psicopedagogia.com.br) (Psicopedagogia on Line - Educação e Saúde Mental)

## Expediente:

### Informativo Psicopedagógico

Uma publicação do **GESPPMA** - Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Maceió/AL

Responsáveis: Eliane Calheiros Cansanção e Salvione Marinho Tenório

Diagramação: Emmy Matias

Tiragem: 400 exemplares

Edição: Bimestral (Jul/Ago/2008)

Informações: (82) 3223.4258

sugestões  
de **leitura**

▶ **Ainda existe a cadeira do papai? (Elizabeth Polity, Márcia Zalcman Setton, Sandra Fedullo Colombo - Organizadoras)**

Esta pergunta é o ponto de partida para revisitar o lugar do pai, por meio de distintos domínios de saber e múltiplos contextos de pesquisa. Afetivo, amoroso e cuidadoso, este trabalho é um presente para todos nós, terapeutas e interessados nas relações familiares.

Vetor Editora

▶ **Por que nosso filho tem problemas?**

A autora **Anny Cordié** enfatiza a implicação dos pais no desconforto do filho e o papel que eles têm em sua cura.

Este livro se destina aos pais e também a todos os profissionais da infância e da adolescência; ele permite acompanhar de muito perto o desenvolvimento de uma psicanálise de criança e aprender toda a sua singularidade.

Editora: Martins Fontes



▶ **Mitos familiares e escolha profissional, de Karina Filomeno**, relata por meio de um estudo clínico, de que maneira a escolha profissional é influenciada pelos mitos familiares. E considera que a decisão profissional se entrelaça com todas as áreas da vida do indivíduo, seja a família, o social, a pessoal, a emocional. É pensar num ser sistêmico, integrado e totalizado.

Vetor Editora

Que época poderia ser mais propícia do que nossa realidade atual para a discussão do que é moral, do que se entende por ética? Com diferentes percursos profissionais, **Mário Sergio Cortella** e **Yves de La Taille** apresentam no livro **Os Labirintos da Moral** um debate palpitante acerca de várias questões de nosso cotidiano. Enfim, não deixe de conhecer a maneira de ver, os argumentos e o humor refinado de autores que podem, com sua experiência e cultura, iluminar caminhos de compreensão dessa realidade complexa e diversa em que estamos imersos.

Editora Papirus



▶ Todas as famílias sofrem perdas no processo de desenvolvimento.

**Além do Paraíso**, de **Moisés Groisman**, nos seus diferentes capítulos, fala de como essas perdas produzem desorganização nas famílias, que meios elas encontram para tentar superá-la e de que forma essas famílias poderão retomar seu desenvolvimento.

Editora: Núcleo Pesquisas.

Duas grandes atividades marcam anualmente a agenda do **Colégio Santa Amélia**, no segundo semestre letivo. E em 2008 não será diferente!!

Com o **III SISA - Seminário Interdisciplinar Santa Amélia**, que terá como temas: *Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável* e *A Juventude e Suas Diversidades*; e com o **XII Concurso Literário de Poesia Falada**, que terá como homenageado o poeta cordelista *Patativa do Assaré*.

Vale a pena conferir o sucesso!!!



**Colégio Santa Amélia**

*Venha fazer parte desta família!*

**Educação Infantil •  
Ensino Fundamental •  
Ensino Médio •**

**3241.6856 | 3324.3161 | 3338.1404**  
**Bebedouro | Tabuleiro | Farol**

# O AMOR não é uma PEDAGOGIA

Por Nicolas Truong

**A ideologia moderna afirma que basta amar nossos filhos para educá-los bem. Terapeuta familiar francesa mostra que é melhor desfazer-se dessa perigosa ilusão, na escola e em casa.**

Eu te amo: esta bela declaração parece ter assumido o caráter de regra e está prestes a se transformar em pedra filosofal da nova educação. É o que constata a terapeuta familiar francesa Caroline Thompson num livro esclarecedor sobre o novo dom afetivo da transmissão.

"Para educar bem os filhos, basta amá-los, eis a idéia atual", escreve ela em *La violence de l'amour* (A violência do amor, na tradução literal para o português, editado pela Hachette Littératures, 231 páginas, 18 euros). De fato, quem já não assistiu ao ritual familiar da criança posta no centro da conversa ou da sala, objeto de todas as solicitações, de todas as atenções e cujos mínimos feitos e gestos são pontuados pelos adoráveis e insuportáveis "que gracinha ele/ela é"? Quem não viu um ou outro pai afirmar a seu filho que o amava mesmo depois de tê-lo recriminado ou levemente repreendido? Que professor não terá ouvido um "na verdade, você não gosta de mim!", ao restituir a um aluno um dever de casa mal feito?

Essas falácias chegam a desenhar os traços de uma psicopatologia social. "Difícil punir um pequeno se você teme que ele deixe de gostar de você. Impossível se tornar autônomo na adolescência sentindo que papai e mamãe precisam de você. Assim, no ambiente familiar, onde antes a autoridade tinha um papel importante, hoje é o sentimento que organiza a relação. A lei foi suplantada pelo amor", prossegue Caroline Thompson.

A ponto de o amor ter se tornado uma nova "ideologia". Seu discurso contundente não é uma afeição. Como terapeuta familiar, Caroline Thompson observou em seu consultório os efeitos dessa revolução sentimental. "As numerosas patologias da separação que se exprimem do lado da criança são muitas vezes a expressão da dificuldade dos pais em deixar sua prole partir. Por trás de uma criança que tem dificuldades em se tornar independente freqüentemente há pais com dificuldades em libertá-la", explica ela.

A dependência dos pais com relação aos filhos pareceu-lhe um "fenômeno preocupante", daí ter feito sua genealogia. Dos gregos à civilização cristã, do nascimento do amor materno no século 20, "do moleque ao príncipezinho", Caroline Thompson pesquisou, mergulhando na obra dos melhores especialistas, os fermentos dessa nova ideologia. Com o advento da individuação, afirma ela que "o amor se tornou então, pouco a pouco, o fundamento da família". No entanto, a autora não julga e se atém mais em

descrever do que denegrir. Mesmo que ela se insira, falsamente, entre "todos aqueles que anunciam a morte da família". Pelo contrário, ela vai bem – escreve – mas mudou de figura. "Hoje, o chefe da família é justamente a criança". Ela se lembra de todos os pacientes divorciados que pedem "o aval do pequeno" para saber se podem refazer suas vidas. Ou ainda de uma paciente que lhe contou que havia deixado o marido para "pôr fim a uma situação que era prejudicial a seus filhos: não era bom para eles que fossem testemunhas daquela união sem paixão".

## Confusão de sentimentos

Pois a centralidade da criança e a impregnação do amor filial fabricam muitas prisões douradas onde se desenvolvem as novas comédias ou tragédias domésticas e pedagógicas. Porque a escola é totalmente afetada por essa "confusão de sentimentos". Assim, "os pais parecem ter dificuldade em conceder a uma terceira pessoa o direito de vigiar (ou de julgar) seus filhos", revela Caroline. Ou, como acontece, eles delegam completamente a educação aos professores (autoridade, estabelecimento dos limites etc.), ou procuram subtrair sua cria às leis que julgam perseguidoras na instituição escolar (fazem-no especialmente apelando ao recurso do ensino particular, supostamente mais adaptado aos costumes da sua "tribo").

A emancipação das crianças desencadeou assim uma crise maior na transmissão de conhecimentos. A ponto de um dos papéis essenciais dos professores ser o de "propiciar que a criança aprenda uma relação que não seja fundada no amor, mas principalmente nesse processo de transmissão". Do lado dos pais, o desenvolvimento educacional está obstruído pela vontade de preservar o livre-arbítrio da criança, que deve deixá-la fazer suas escolhas sozinha. E nisso a precocidade preocupa. Caroline Thompson se lembra de pais que foram consultá-la porque sua filha de seis anos choramingava e não conseguia decidir entre o sorvete de baunilha ou de chocolate quando ia ao parque ou ao cinema. "Mas por que lhe dar a escolha?", perguntou a terapeuta aos pais, que nem mesmo imaginaram impor sua vontade à menina tão torturada e angustiada à simples idéia de tomar decisões a toda hora.

Mas esse excesso de amor esconde uma realidade menos cor-de-rosa, uma parte de sombra que contrasta com o conto de fadas da vida de Disneylândia. Atrás do "mito da

criança perfeita" perfila-se a realidade da "criança roubada"; atrás da "gracinha de algumas manifestações de afeto", abrigam-se muitos fantasmas destrutivos sufocados. Como o caso de uma mãe que foi consultá-la porque sentia "vontades irreprímíveis de machucar seu filho". Isso posto, Caroline Thompson parece tolerar mal a nova "paixão pedófila", a era da suspeita generalizada dessa "vigilância digna de tribunal de Torquemada [Tomás de Torquemada, 1420-1498, o grande inquisidor espanhol], que nos leva a sexualizar o que não é sexualizado. Num gesto bem raro para uma psicóloga dos dias de hoje, Caroline Thompson não separa o íntimo do coletivo, mas não deixa de articular indivíduo e sociedade. Freud e seus discípulos, claro, haviam desmascarado o mal-estar da civilização ligando a psique à coletividade. Mas a moda de psicologismo seguia a tendência de acompanhar o movimento geral de reserva na esfera privada. Sua formação em terapia familiar sistêmica – que supõe que um sintoma não pertence a um sujeito atingido, mas ao sistema social ou familiar em que está – permite-lhe passar facilmente de um ao outro. Para essa freudiana que estudou psicopatologia e psicanálise com Pierre Fédida (1934-2002, psicanalista que teve grande influência da fenomenologia), a conclusão é, no entanto, kantiana (Immanuel Kant, 1724-1804, filósofo alemão): "o amor não é uma ordem, mas um ideal".

Quais riscos essa "violência do amor" traz? Indivíduos "fragilizados" e uma sociedade cada vez mais "fragmentada", composta de átomos narcisistas e pouco autônomos, explica Caroline Thompson, que deverá dedicar-se em breve aos efeitos da "nova família" sobre a educação, no contexto do Conselho de Análise da Sociedade, esse *think and tank* da República, presidido pelo filósofo e educador francês Luc Ferry. A estudiosa tem assento no Conselho, do qual participa mensalmente.

O leitor presente que as partes desse primeiro livro maduro esboçam pistas a serem exploradas. Ainda mais que família, para ela, é um negócio de... família. Neta de Gérard Oury e filha da cineasta Danièle Thompson, cujos filmes põem em cena famílias refeitas em segundas núpcias, a psicanalista gosta de especular diferentes registros. Criada num mundo de luzes e grandes andanças, Caroline Thompson não teve megalomania e escolheu explorar a parte imersa do psique. Para maior prazer do leitor.

(Tradução: Mônica Cristina Corrêa)

Fonte: Revista Educação - Pedagogia e Gestão